

MARIANA ENRIQUEZ

NOSSA
PARTE DE
NOITE

Nossa parte de noite

Mariana Enriquez

Tradução de Elisa Menezes



© Mariana Enriquez, 2019
Primeira edição: Barcelona, 2019
Publicado mediante acordo com Casanovas & Lynch Agencia
Literaria S.L.

O trecho do poema citado na página 454 foi extraído de *Antologia Poética* (2ª edição revista), de Pablo Neruda. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1973. Tradução: Eliane Zagury.

TÍTULO ORIGINAL

Nuestra parte de noche

PREPARAÇÃO

Gabriel Demasi

REVISÃO

Luiz Felipe Fonseca

Juliana Pitanga

DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

E52n

Enriquez, Mariana, 1973-

Nossa parte de noite / Mariana Enriquez ; tradução Elisa
Menezes. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2021.

544 p. ; 23 cm.

Tradução de: Nuestra parte de noche

ISBN 978-65-5560-180-0

978-65-5560-071-1[ci]

21-68467

CDD: 868.99323

CDU: 82-344(82)

1. Contos de terror. 2. Romance argentino. I. Menezes,
Elisa. II. Título.

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

As garras do deus vivo, janeiro de 1981

Creio que perdemos a imortalidade porque a resistência à morte não evoluiu; seus aperfeiçoamentos insistem na primeira ideia, rudimentar: manter vivo o corpo inteiro. Só deveríamos buscar a conservação daquilo que interessa à consciência.

Adolfo Bioy Casares, *A invenção de Morel*

Eu gritei: “Saia das sombras, rei das unhas de ouro!”

W. B. Yeats, *The Wanderings of Oisín*

Tanta luz naquela manhã e o céu limpo, apenas alguma mancha branca no azul quente, mais parecida com um rastro de fumaça do que com uma nuvem. Já era tarde e precisava sair e aquele dia de calor seria idêntico ao seguinte: se chovesse e chegasse a umidade do rio e o sufoco de Buenos Aires, jamais seria capaz de deixar a cidade.

Juan engoliu a seco um comprimido para evitar a dor de cabeça que ainda não sentia e entrou na casa para acordar o filho, que dormia coberto por um lençol. Vamos embora, disse-lhe enquanto o sacudia de leve. O menino acordou imediatamente. Outros meninos teriam também esse sono tão superficial, tão alerta? Lava o rosto, disse-lhe, e tirou cuidadosamente as remelas de seus olhos. Não havia tempo para tomar café da manhã, podiam fazer isso durante a viagem. Carregou as bolsas que já havia preparado e hesitou um momento entre vários livros até que decidiu pegar mais dois. Viu as passagens de avião sobre a mesa: ainda tinha aquela possibilidade. Podia se deitar e esperar a data do voo, dentro de alguns dias. Para evitar a preguiça, rasgou as passagens e as jogou no lixo. O cabelo comprido o fazia transpirar na nuca: ia ser insuportável sob o sol. Não tinha tempo de cortá-lo, mas procurou a tesoura nas gavetas da cozinha. Quando a encontrou, colocou-a na mesma caixa plástica em que levava os comprimidos, o medidor de pressão arterial, a seringa e algumas ataduras, primeiros socorros básicos para a viagem. Também a sua faca mais afiada e o saco cheio de cinzas que finalmente ia usar. Carregou o tubo de oxigênio: ia precisar dele. O carro estava fresco, o courino não tinha absorvido muito calor durante a noite. Colocou o isopor, com gelo e dois sifões de soda gelada, no banco do passageiro. O filho teria que viajar no banco de trás, embora o preferisse a seu lado; mas era proibido e

não podia ter nenhum tipo de problema com a polícia ou com o exército, que vigiavam as estradas de forma brutal. Um homem sozinho com um garoto podia levantar suspeitas. Os repressores eram imprevisíveis, e Juan queria evitar incidentes.

Gaspar, chamou, sem levantar muito a voz. Como não obteve resposta, entrou na casa para buscá-lo. O garoto tentava amarrar os cadarços dos tênis.

— Que confusão você fez — disse, e se agachou para ajudá-lo. Seu filho chorava, mas não pôde consolá-lo. Gaspar sentia falta da mãe, ela fazia aquelas coisas sem nem pensar: cortar as unhas, pregar os botões, lavar atrás das orelhas e entre os dedos dos pés, perguntar se ele havia feito xixi antes de sair, ensinar a dar um nó perfeito com os cadarços. Juan também sentia falta dela, mas não queria chorar com o filho naquela manhã. Está levando tudo o que quer?, perguntou. Não vamos voltar para buscar nada, estou avisando.

Fazia muito tempo que não dirigia tantos quilômetros. Rosario sempre insistia para que ele dirigisse ao menos uma vez por semana, para não perder o costume. O carro ficava pequeno para Juan assim como quase tudo: as calças curtas, as camisas apertadas, as cadeiras desconfortáveis. Verificou se o guia do Automóvel Clube estava no porta-luvas e deu partida.

— Estou com fome — disse Gaspar.

— Eu também, mas vamos parar para tomar café num lugar incrível. Daqui a pouco, está bem?

— Se eu não como, vomito.

— E eu fico com dor de cabeça se não como. Aguenta. Falta pouco. Não olha pela janela que vai ficar mais enjoado ainda.

Ele próprio se sentia pior do que queria admitir. Os dedos das mãos formigavam, e reconhecia as palpitações erráticas da arritmia no peito. Endireitou os óculos escuros e pediu a Gaspar para contar a história que havia lido na noite anterior. Aos seis anos já sabia ler muito bem.

— Não me lembro.

— Lembra, sim. Eu também estou de mau humor. Vamos tentar mudar isso juntos ou vamos fazer a viagem inteira com cara de bunda?

Gaspar riu porque ele havia dito “bunda”. Depois contou sobre uma rainha da selva que cantava quando caminhava entre as árvores e a quem todos gostavam de ouvir. Um dia vieram soldados, e ela parou de cantar e se tornou uma guerreira. Foi pega, passou uma noite presa e fugiu, mas para fugir teve que matar o guarda que a vigiava. Como ninguém quis

acreditar que tinha força para matá-lo, pois era muito magra, acusaram-na de ser bruxa e a queimaram, amarraram-na a uma árvore que pegou fogo. Mas pela manhã, em vez do corpo, encontraram uma flor vermelha.

— Uma árvore de flores vermelhas.

— Sim, uma árvore.

— Você gostou da história?

— Não sei, me deu medo.

— Essa árvore se chama ceibo. Por aqui não tem muitas, mas, quando vir alguma, eu te mostro. Perto da casa dos seus avós tem um montão.

Pelo retrovisor viu que Gaspar franzia o cenho.

— Como assim tem muitas?

— É uma lenda, já te expliquei o que é uma lenda.

— Então a garota não existe?

— O nome dela é Anahí. Talvez ela tenha existido, mas a história das flores é contada para lembrá-la, não porque tenha acontecido de verdade.

— Então aconteceu de verdade ou não?

— As duas coisas. Sim e não.

Ele gostava de ver como Gaspar ficava sério e até bravo, como mordida o canto da boca e abria e fechava a mão.

— Agora também queimam as bruxas?

— Não, não mais. Mas também não há muitas bruxas agora.

Era fácil sair da cidade num domingo de janeiro pela manhã. Antes do que esperava, os prédios ficaram para trás. E as casas baixas e as de chapa metálica das favelas da periferia. E de repente apareceram as árvores e o campo. Gaspar já estava dormindo e o sol queimava o braço de Juan como o de um pai comum em um fim de semana de clube e passeio. Mas ele não era um pai comum, as pessoas às vezes sabiam disso quando o olhavam nos olhos, quando falavam um pouco com ele, de alguma forma reconheciam o perigo: ele não conseguia ocultar o que era, não era possível esconder algo assim, não por muito tempo.

Estacionou em frente a um bar que anunciava *submarinos* e *medialunas*. Vamos tomar café, disse ele a Gaspar, que acordou imediatamente e esfregou os olhos azuis, enormes, um pouco distantes.

A mulher que limpava as mesas tinha toda a pinta de ser a dona do lugar e de ser afável e fofoqueira. Olhou para eles com curiosidade quando se sentaram longe da janela, perto da geladeira. Um menino com seu carrinho em miniatura na mão e seu pai, que media dois metros e tinha o cabelo loiro chegando aos ombros. Limpou a mesa deles com um pano

e anotou o pedido em um bloco de papel, como se o bar estivesse cheio. Gaspar quis um *submarino* e um pão doce recheado com doce de leite; Juan pediu um copo d'água e um sanduíche de queijo. Tirou os óculos escuros e abriu o jornal que estava sobre a mesa, embora soubesse que as notícias importantes não saíam na imprensa. Não havia notícias dos centros de detenção clandestinos, nem dos confrontos noturnos nem dos sequestros, nem das crianças roubadas. Apenas crônicas sobre o Mundialito que estava sendo jogado no Uruguai, que não lhe interessava. Fingir normalidade às vezes era difícil quando estava distraído, quando estava tão irremediavelmente triste e preocupado. Na noite anterior havia tentando, mais uma vez, comunicar-se com Rosario. Não conseguiu. Ela não estava em parte alguma, não conseguia senti-la, ela havia partido de uma maneira que para ele era impossível entender ou aceitar.

— Está calor — disse Gaspar.

O menino estava suado, o cabelo, úmido, as bochechas, vermelhas. Juan tocou suas costas. A camiseta estava encharcada.

— Espera aqui — disse, e foi até o carro buscar uma camiseta seca. Depois o levou ao banheiro do bar, para molhar a cabeça, secar o suor e vestir a camiseta, que cheirava um pouco à gasolina.

Quando voltaram para a mesa, o café da manhã e a mulher os aguardavam; Juan pediu outro copo d'água para Gaspar.

— Tem um camping lindo aqui se quiserem se refrescar no rio.

— Obrigado, não temos tempo — disse Juan, tentando soar simpático. Abriu um pouco mais os botões da camisa.

— Estão viajando sozinhos? Que olhos tem este pequeno! Como você se chama?

Juan teve vontade de dizer filho, não responda, vamos comer enquanto a deixo muda para sempre, mas Gaspar disse seu nome, e a mulher, atirada, perguntou com uma voz hipócrita, infantilizada:

— E sua mamãe?

Juan sentiu a dor do menino em todo seu corpo. Era primitiva e sem palavras; era crua e vertiginosa. Teve que se segurar na mesa e fazer um esforço para se desprender de seu filho e daquela dor. Gaspar não conseguia responder e olhava para ele pedindo ajuda. Havia comido apenas metade do pão doce. Precisava ensiná-lo a não se apegar assim, nem a ele nem a ninguém.

— Senhora — Juan tentou se controlar, mas soou ameaçador —, mas que porra você tem a ver com isso?

— Só estou puxando assunto, só isso — respondeu ela, ofendida.

— Ah, que ótimo. A senhora se irrita por não ter sua conversinha idiota, e nós sofremos sua indiscrição insistente, de velha fofoqueira. Quer saber? Minha mulher morreu há três meses atropelada por um ônibus que a arrastou por dois quarteirões.

— Eu sinto muito.

— Não. Não sente nada porque não a conhecia e nem nos conhece.

A mulher quis dizer mais alguma coisa, mas se afastou quase choramingando. Gaspar ainda olhava para ele, mas tinha os olhos secos. Estava um pouco assustado.

— Está tudo bem. Termina de comer.

Juan mordiscou seu sanduíche de queijo; não estava com fome, mas não podia tomar o remédio de estômago vazio. A mulher retornou com uma expressão de desculpas e os ombros curvados. Trazia dois sucos de laranja. Por conta da casa, disse, e peço perdão. Não imaginava uma tragédia dessas. Gaspar brincava com seu carrinho vermelho, um modelo novo, com portas e porta-malas que abriam e fechavam, presente de seu tio Luis, enviado do Brasil. Juan obrigou Gaspar a terminar o *submarino* e se levantou para pagar no balcão. A mulher continuava a pedir desculpas, e Juan perdeu a paciência. Quando ela estendeu a mão para receber o dinheiro, ele a segurou pelo pulso. Pensou em lhe enviar um símbolo que a enlouquecesse, que colocasse em sua cabeça a ideia de arrancar a pele dos pés de seu neto ou fazer um refogado com seu cachorro. Conteve-se. Não queria se cansar. Manter em segredo aquela viagem com seu filho já o havia exaurido e teria consequências. Então deixou a mulher em paz.

Gaspar o esperava na porta: havia colocado seus óculos escuros. Quando tentou tirá-los, o menino saiu correndo, rindo. Juan o agarrou perto do carro e o ergueu: Gaspar era leve e comprido, mas não ia ser tão alto como ele. Decidiu que procurariam um lugar para almoçar antes de seguir para Entre Ríos.

O dia tinha sido exaustivo, apesar da normalidade absoluta de toda a viagem: pouco trânsito, um almoço delicioso em uma churrascaria no caminho e uma sesta à sombra das árvores, a margem refrescada pela brisa do rio. O dono da churrascaria, curioso, também havia puxado conversa com eles, mas como não tinha perguntado sobre sua mulher, Juan decidiu conversar enquanto tomava um pouco de vinho. Havia se sentido mal depois da sesta e durante todo o trajeto até Esquina: o calor era espantoso. Mas agora, enquanto pedia um quarto e tentava fazer o gerente entender

que precisava de uma cama de casal para ele e outra de solteiro para seu filho e que não importava o preço, ele se dava conta de que, além disso, podia precisar de ajuda. Pagou adiantado e aceitou que outra pessoa subisse as escadas com as bolsas. No quarto, ligou a televisão para entreter Gaspar e se deitou na cama. Sabia como avaliar o que sentia: a arritmia estava fora de controle, podia ouvir o sopro, aquele barulho de esforço, a náusea das válvulas confusas, seu peito doía, era difícil respirar.

— Gaspar, me passa a bolsa — pediu.

Pegou o medidor de pressão arterial e confirmou que sua pressão estava baixa, o que era bom. Deitou-se na diagonal, a única maneira de seus pés ficarem sobre o colchão, e, antes de tomar os comprimidos e tentar descansar, se possível dormir, arrancou uma folha do bloco de notas que o hotel deixava para os hóspedes na mesa de cabeceira (dizia “Hotel Panambí — Esquina”) e com a caneta escreveu um número.

— Filho, presta atenção. Se eu não acordar, quero que ligue para este número.

Gaspar arregalou os olhos e depois fez beicinho.

— Não chora. É para o caso de eu não acordar, só isso, mas eu vou acordar, está bem?

Sentiu o coração disparar, como se estivesse acelerando com uma alavanca de câmbio. Ia conseguir dormir? Levou os dedos ao pescoço. Cento e setenta, talvez mais. Nunca havia sentido tanta vontade de morrer como agora, nesse quarto de hotel de interior, e nunca havia sentido tanto medo de deixar seu filho sozinho.

— É o telefone do seu tio Luis. Você tem que discar 9, vai dar um sinal de linha, e aí em seguida você disca o número do tio. Se eu não acordar, você me sacode. E se eu não acordar quando você me sacudir, ligue pra ele. Primeiro para ele, depois para o senhor lá de baixo, o da recepção, entendeu?

Gaspar disse que sim e, apertando o papel na mão fechada, se deitou a seu lado, próximo mas distante o suficiente para não o incomodar.

Juan acordou suado e sem sonhos. Era noite, mas o quarto estava parcialmente iluminado: Gaspar havia ligado a luminária da mesa de cabeceira e estava lendo. Ainda sem se mexer, Juan olhou para ele: o menino tirara seu livro da bolsa e esperava, o papel com o número de telefone estava ao lado, sobre o travesseiro. Gaspar, chamou-o, e o menino reagiu com delicadeza, largou o livro, aproximou-se engatinhando, perguntou

se ele estava bem; como um adulto, como tantas vezes lhe perguntaram os muitos adultos que haviam cuidado dele. Juan se sentou e esperou um minuto antes de responder. O coração tinha voltado a um ritmo normal ou ao que para ele era relativamente normal. Não estava agitado, não estava enjoado. Estou bem, sim, respondeu, e sentou Gaspar em seu colo, abraçou-o e acariciou seus cabelos escuros.

— Que horas são?

Gaspar apontou o dedo para o relógio.

— Você já sabe ver as horas, me diz.

— Meia-noite e meia.

Naquela cidadezinha não haveria nada aberto tão tarde para jantar. Ele podia, claro, caminhar até o centro, entrar em algum armazém ou restaurante fechado e fazer o que quisesse, abrir uma porta era muito simples. Mas, se alguém os visse, teria que lidar com essa testemunha. E cada pequeno ato desse tipo se acumulava até se transformar em uma longa e exaustiva cadeia de rastros a apagar, olhos a fechar, lembranças a fazer desaparecer. Ensinaaram-lhe havia anos: era melhor tentar viver na maior normalidade possível. Ele podia conseguir coisas que para a maioria das pessoas eram impossíveis. Cada conquista, no entanto, cada exercício de vontade para alcançar o almejado, tinha um preço. Não valia a pena pagá-lo por questões pouco importantes. Agora devia convencer quem quer que estivesse como recepcionista noturno do hotel a preparar uma refeição para eles. Não sentia fome; certamente Gaspar também não. Mas o garoto não tinha lanchado, ele havia se esquecido de tirar as sodas do carro, precisava se comportar como um pai.

Antes de sair do quarto, contudo, tinha que tomar banho, porque estava fedido. E quem sabe cortar um pouco o cabelo. Gaspar também precisava de um banho, não com tanta urgência. Levantou-se da cama com Gaspar ainda nos braços e o levou até o chuveiro. Abriu a água quente, esperou um pouco e confirmou o que suspeitava.

— Não tomo banho de água fria — disse Gaspar.

— Está calor, vamos lá, não? Então depois eu enxugo você com uma toalha.

Juan entrou no chuveiro e ouviu Gaspar falando, sentado sobre a tampa do vaso sanitário, contando o que havia lido e o que havia visto da janela do hotel, mas ele não prestou atenção. O chuveiro era baixo demais e precisou se agachar para lavar a cabeça, mas pelo menos o hotel tem xampu e sabonete. Com uma toalha amarrada na cintura, parou em

frente ao espelho: o cabelo molhado passava dos ombros, e seus olhos estavam inchados.

— Traz a tesoura, está na bolsa pequena.

— Posso cortar? Um pouco.

— Não.

Juan ficou olhando seu reflexo, os ombros largos, a cicatriz escura que dividia o peito, a queimadura no braço. Rosario sempre cortava seus cabelos. Também o barbeara várias vezes. Lembrava-se de suas argolas grandes, que ela nunca tirava, às vezes nem para dormir. Lembrava-se de como ela havia chorado uma vez, de cócoras e nua no chão do banheiro, por ter engordado durante a gravidez. Como cruzava os braços quando ouvia algo que achava estúpido. Lembrava-se dela gritando com ele na rua, furiosa; a força que tinha quando batia nele com os punhos fechados durante alguma briga. Quantas coisas não sabia fazer sozinho, quantas havia esquecido, quantas apenas ela conhecia? Usou o pente para esticar os cabelos e cortou-os com o maior cuidado possível. Deixou uma mecha mais comprida na frente e usou o secador para verificar se havia feito um desastre. Achou o resultado aceitável. Tinha um pouco de barba, mas só dava para ver porque estava pálido demais. Jogou fora o cabelo cortado, que havia deixado cair sobre um lenço, no vaso sanitário.

— Vamos ver se conseguimos algo para comer.

O corredor do hotel estava muito escuro e cheirava a mofo. O quarto que tinham dado a eles ficava no canto, junto à escada. Juan deixou Gaspar sair primeiro, e o garoto, em vez de descer direto, correu pelo corredor. A princípio Juan pensou que ele ia para o elevador. Mas logo se deu conta de que Gaspar percebia o mesmo que ele, ainda que a diferença fosse radical: em vez de evitá-la — Juan estava tão acostumado àquelas presenças que as ignorava —, ele a procurava, atraído. O que se escondia ao fim do corredor estava assustado e não era perigoso, mas era antigo e, como tudo o que é muito velho, era voraz, infeliz e invejoso.

Pela primeira vez seu filho tinha uma percepção, pelo menos na sua presença. Estava esperando que isso acontecesse, Rosario insistia que ia acontecer em breve e costumava ter razão, mas comprovar que de fato Gaspar havia herdado essa habilidade o desanimou, fechou-lhe a garganta. Não tinha muitas esperanças quanto à normalidade do filho, mas naquele corredor elas desapareceram completamente, e Juan sentiu o desalento como uma corrente em volta do pescoço. A danação herdada. Tentou fingir calma.

— Gaspar — disse, sem levantar a voz. — É por aqui. Pela escada.

O menino deu meia-volta no corredor e olhou para ele com uma expressão confusa, como se despertasse em um quarto estranho depois de dias dormindo. O olhar durou um segundo, mas Juan o reconheceu. Precisava ensiná-lo a se fechar àquele mundo flutuante, àqueles poços pegajosos, a como evitá-los. E precisava começar logo, porque recordava o horror de sua própria infância e Gaspar não tinha por que viver o mesmo.

Meu filho vai nascer cego, repetia a aparição no fundo do corredor, que não tinha cabelos e usava um vestido azul. Gaspar não podia ouvi-la, embora talvez a tivesse visto. Era dela que ele havia falado antes, no banheiro: uma mulher sentada na praça em frente ao hotel, que olhava para a janela com a boca aberta. Juan não lhe dera atenção porque não havia contado isso com medo, o que era bom. O garoto estava intuitivamente certo: não havia nada a temer, aquela mulher era apenas um eco. Havia muitos ecos agora. Sempre havia quando se cometia uma carnificina; o efeito era idêntico ao dos gritos em uma caverna, permaneciam até que o tempo lhes pusesse um fim. Faltava muito para esse final, e os mortos inquietos se moviam com rapidez, procurando ser vistos. *The dead travel fast*, pensou.

Desceram pela escada em silêncio para não acordar os hóspedes. Uma mulher que certamente era uma das donas do hotel folheava uma revista na recepção. Ergueu a cabeça quando os viu entrar e se pôs de pé; com um gesto rápido, ajeitou a blusa e o cabelo escuro, ligeiramente bagunçado.

— Boa noite. Em que posso ajudar?

Juan se aproximou do balcão e apoiou uma das mãos sobre a lista telefônica que estava aberta ao lado do abajur.

— Boa noite, senhora. Por acaso há algum lugar aberto para comer?
A mulher inclinou a cabeça.

— Talvez consigam encontrar alguma coisa na churrascaria do clube de pescadores, mas deixem que eu ligue e pergunte, porque é uma boa caminhada até lá.

Uma boa caminhada, pensou Juan, impossível, naquele pequeno povoado nada podia ficar muito longe. As paredes da recepção cobertas até a metade de madeira, o piso marrom plastificado, as chaves penduradas no painel. Gaspar havia se aproximado de um aquário pequeno e acompanhava com o dedo o nado de um peixinho. Ninguém atende, disse a mulher depois de tentar contato por um tempo. Bom, vamos dormir sem jantar. Juan sorriu e percebeu que a mulher — que era jovem, pouco

menos de quarenta anos, mas parecia mais velha na luz triste do hotel silencioso — olhava para ele detidamente e sem disfarçar. Peguei no sono, disse Juan. De Buenos Aires para cá é uma viagem longa, e eu não estava muito descansado.

Do lado de fora o silêncio era total. Viu passar as luzes azuis de um carro patrulha, mas mal ouviu o motor. Também vigiam este povoado?

— Desculpe a indiscrição — disse a mulher, e saiu de trás do balcão da recepção. Ela se abanava. O ventilador estava ligado, no entanto. — Vocês estão no 201? Meu funcionário me disse hoje que achou que o senhor do 201 não se sentia bem. Ficamos preocupados, mas, como não ouvimos nada e o senhor não ligou para cá, não quisemos incomodá-lo.

— E como sabe que sou eu o homem do 201?

A mulher, entre tímida e paqueradora, respondeu:

— Meu funcionário disse que era um homem muito alto e loiro, com uma criança.

— Obrigado pela preocupação, senhora. Agora estou me sentindo bem, precisava descansar. Passei por uma cirurgia há seis meses, às vezes acho que estou totalmente recuperado e passo dos limites.

E de maneira deliberada e teatral, Juan apoiou apenas uma das mãos sobre a camisa escura que usava aberta até a metade do peito, para que ficasse evidente e visível a enorme cicatriz.

— Vamos lá — disse ela. — Vou preparar nem que sejam alguns sanduíches para vocês. O menino come talharim? Aquecemos em banho-maria com um pouco de manteiga e pronto.

— O que é talharim? — perguntou Gaspar, que havia abandonado o aquário.

— Macarrão, *mitái* — disse a mulher, ajoelhando-se. — Gosta de macarrão com manteiga e queijo?

— Sim. E com molho também.

— Vamos ver o que podemos fazer.

— Posso ver você cozinhar?

— Ele gosta de cozinhar — disse Juan, e deu de ombros para demonstrar seu embaraço.

Uma hora depois, Gaspar havia aprendido a usar o abridor de latas, os dois tinham comido uma massa um pouco pegajosa com um molho delicioso, tinham bebido água fresca, com gelo, e a mulher os havia acompanhado com um copo de vinho doce e cigarros. Quando terminaram, Juan se ofereceu para lavar os pratos para que ela pudesse voltar à recepção, e

a mulher aceitou; antes de sair, disse a ele tomara que você fique bom longo. Gaspar ajudou a secar, mas antes disse obrigado à mulher com os lábios sujos de molho de tomate, e ela lhe deu um beijo na testa.

Gaspar se recusou a entrar no quarto: na porta, imóvel, seus olhos brilhavam e parecia assustado.

— Papai, tem uma senhora no quarto — disse. Juan piscou para vê-la e senti-la: era a mesma do corredor, que se movia pelo hotel.

— Não olha para ela. — Segurou o rosto dele com as duas mãos; eram tão grandes que quase contornavam toda a cabeça do menino. — Olha para mim.

Então ele se sentou no chão e acendeu a luminária. Por sorte Gaspar não ouvia o que a mulher dizia. Era sempre melhor só ver. Juan a ouviu por um minuto, por curiosidade. A mesma repetição desesperada e solitária da morte, o eco da morte. Depois ele ficou surdo para ela, mas não a expulsou, isto seu filho precisava aprender a fazer, e rápido. Juan não queria que ele sentisse medo por mais nem um minuto.

— Agora presta bem atenção.

— Quem é, papai?

— Não é ninguém. É uma lembrança.

Colocou a mão embaixo do esterno do menino e sentiu o coração do filho rápido, forte, saudável. A inveja deixou sua boca seca.

— Fecha os olhos. Sente a minha mão?

— Sim.

— O que eu estou tocando?

— A barriga.

— E agora?

Com dois dedos da outra mão localizou a vértebra que ficava atrás do estômago.

— As costas.

— Não, as costas não.

— A coluna.

— Agora você precisa pensar no que está entre as minhas mãos, como quando a sua cabeça dói e você diz que parece ter algo dentro dela. Bom, pensa no que está dentro.

Gaspar apertou os olhos e mordeu o lábio inferior.

— Pronto.

— Bom, agora diz à senhora para ir embora. Não diz isso falando. Você pode dizer em voz baixa, se quiser, mas diz como se essa parte sua que está entre as minhas mãos pudesse falar. Está entendendo? É importante.

Aquilo podia levar a noite inteira, Juan sabia.

— Pronto, falei.

Juan olhou para a mulher, que continuava ao lado da cama, grávida, e com a boca aberta, certamente falando ainda de seu primeiro filho, com os olhos vazios.

— De novo. Como se você falasse a partir daqui, como se tivesse uma boca aqui dentro.

— Falo com força?

Que tipo de pergunta era aquela? Aquela dúvida tão pertinente merecia uma resposta à altura.

— Sim, hoje sim.

A imagem da mulher desapareceu lentamente, como fumaça que se dissipa. O ar do quarto ficou limpo, como se tivessem aberto as janelas. A luz da luminária ficou mais clara.

— Muito bem, Gaspar, muito bem.

Gaspar olhou em volta do quarto procurando a mulher que havia ido embora. Estava sério.

— E ela não vai mais voltar?

— Se voltar, você repete o que acabou de fazer.

Gaspar estava tremendo, um pouco pelo esforço, um pouco por medo. Juan se lembrou da primeira vez que expulsou um desencarnado: havia sido igualmente fácil, talvez até um pouco mais fácil dadas as circunstâncias. Quem dera esse fosse o fim das habilidades herdadas de Gaspar. Quem dera Gaspar nunca alcançasse o tipo de contato de que ele era capaz. Rosario tinha certeza de que o garoto herdaria suas habilidades. De repente a lembrança ficou tão vívida que ele sentiu como se tocasse acidentalmente um inseto na escuridão: Rosario, teimosa, sentada na cama, com sua calcinha branca de algodão e o cabelo preso num rabo de cavalo alto. Gaspar ia herdar tudo, tudo o que ele carregava. Sentiu os olhos arderem.

— Agora vou continuar a dormir porque daqui a pouco tenho que dirigir.

— Quero dormir com você.

— Não tenha medo. Vai para a sua cama. Se não conseguir dormir, lê seu livro. A luz não me incomoda.

Mas Gaspar não quis ler. Deitou-se de barriga para cima e esperou que o sono chegasse, com uma disciplina imprópria para sua idade. Não havia baixado as persianas, de maneira que as escassas luzes da rua iluminavam um pouco o quarto e os galhos de uma árvore refletiam nas paredes. Juan esperou até a respiração de Gaspar indicar que ele estava dormindo e então se aproximou: os lábios separados, os pequenos dentes de leite, o suor grudando os cabelos na testa.

Ele poderia fazer aquilo sentado em sua própria cama, ao lado de Gaspar. Mas não queria que o garoto acordasse e o visse. O banheiro era um lugar tão bom como qualquer outro. Não precisava de muito: apenas silêncio, o cabelo de Rosario, algum instrumento afiado e as cinzas.

Sentado nos azulejos frios, enrolou entre os dedos a mecha de cabelo de Rosario, que ele mantinha em uma caixinha. Você me prometeu, disse em voz baixa. E havia sido uma promessa séria, uma promessa de sangue, e não de palavras sentimentais.

Pegou um punhado de cinzas do saco plástico e espalhou-as sobre o piso à sua frente, para desenhar o signo da meia-noite. Desde a morte de Rosario, fazia isso todas as noites com o mesmíssimo resultado: silêncio. Um deserto de areia fria e estrelas opacas. Havia até tentando métodos mais rudimentares, e a resposta era sempre a mesma: o vento sobre o vazio.

Repetiu as palavras, acariciou a mecha de cabelo, fez a invocação na linguagem infecciosa que se devia usar no ritual das cinzas. E com os olhos fechados viu os quartos e os cantos vazios, as fogueiras apagadas, as roupas abandonadas, os rios secos, mas continuou vagando até que retornou ao banheiro do hotel, ao silêncio e à respiração distante de seu filho, e voltou a chamar. Nem um toque, nem um tremor, nem uma ilusão, nem uma sombra enganosa. Ela não vinha nem estava ao seu alcance e, desde sua morte, não havia conseguido um único sinal de sua presença.

Tinha feito oferendas impróprias nos primeiros dias. A verdadeira magia não se faz entregando o sangue dos outros, disseram-lhe uma vez. Ela é feita entregando o próprio sangue e abandonando qualquer esperança de recuperá-lo. Juan pegou a gilete que estava ao seu lado e fez um corte diagonal na palma da mão, seguindo vagamente a linha chamada linha da mente ou da cabeça. Era uma ferida insuportável, que nunca sarava totalmente, a pior possível e, por isso mesmo, a que funcionava. Quando, na escuridão, sentiu o calor do sangue, apoiou a mão sobre o signo de cinzas traçado no chão. Disse as palavras necessárias e esperou. O silêncio era vertiginoso. Juan sabia que era um sintoma de sua própria

perda de poder. Se era porque estava muito doente ou porque se desgastara demais, ele não sabia, mas a sensação de fraqueza era bastante óbvia. Fazer aquele chamado dificilmente exigia esforço: o mundo dos mortos estava muito perto dele e era uma porta leve, de vaivém. Podia duvidar de sua capacidade de fazer outro ritual, qualquer outro. Este não. Este era como esticar as pernas.

Lavou a mão, resignado, e limpou o sangue do chão com uma das toalhas. Não sentia mais raiva. Depois das primeiras tentativas frustradas, havia insultado Rosario, havia quebrado móveis e quase tinha quebrado os dedos ao dar socos no chão. Agora ele simplesmente recolhia os restos com resignação e guardava a mecha de cabelo de volta na caixa. *For the dead travel fast*, pensou outra vez. Era verdade, de maneira geral. A ele era negada essa rapidez habitual.

Gaspar continuava a dormir apesar de ter passado bastante tempo: o ritual do signo da meia-noite parecia curto para quem o fazia, mas levava várias inadvertidas horas. Juan cobriu a ferida com uma atadura. Amanhecia quando ele derramou um pouco de álcool no corte, que nunca sarava completamente porque tinha que seguir cortando e cortando no mesmo lugar para dar sangue às cinzas que não traziam nada além daquele silêncio tão suspeito, que o fazia pensar em sua mulher silenciada, com os lábios costurados por alguém que queria separá-los definitivamente.

O café da manhã era servido no salão de refeições com paredes brancas e mesas cobertas por toalhas xadrez. Era decorado por pinturas de peixes nadando, peixes empalhados em molduras de vidro e mais um aquário, um pouco maior que o da recepção. Esquina era uma espécie de capital da pesca. Juan nunca havia pescado na vida. E não entendia por que o hotel se chamava Panambí, que quer dizer “borboleta” em guarani, se o tema recorrente de sua decoração era a ictiofauna. Não havia borboletas em lugar algum, nem mesmo no logotipo. Tomou um chá fraco e espalhou doce de leite em torradas para Gaspar, que estava muito quieto.

— O que foi?

— Você está bravo comigo?

— Não, filho, estou de mau humor. Quando você terminar de comer, vamos nadar.

Gaspar tinha chorado a manhã inteira, até que eles desceram para tomar café. Desde que a mãe morrera, chorava todos os dias, quando

acordava. Às vezes porque sim, às vezes porque se irritava com alguma bobagem, às vezes dizia que sua cabeça doía ou que estava com sono ou com calor. Ele sonhava com ela, Juan sabia; em geral, sonhava que sua morte era um sonho. Às vezes Juan o deixava chorar sozinho, às vezes se sentava a seu lado em silêncio, às vezes lavava seu rosto com água fria, mas nunca sabia exatamente o que fazer. Naquela manhã, quando Gaspar se acalmou após um choro gritado, depois de puxar os cabelos e até socar um travesseiro, propôs a ele que fossem à praia. Gaspar havia aceitado, perguntando se a água era fria como em Mar del Plata. Explicou-lhe que não, que era um rio, e os rios eram diferentes, mais parecidos a uma piscina. Era mentira, mas funcionou. Juan era quem precisava nadar, e estava na hora de seu filho aperfeiçoar a pouca técnica que havia lhe ensinado. Ele aprendera aos oito anos e por pura irresponsabilidade de seu irmão, que não sabia como entretê-lo quando o levava para passear e um dia o levou a um clube. Juan sabia que era proibido; seu médico, Jorge Bradford, tinha recomendado que não fizesse exercícios intensos. Bradford jamais tomou conhecimento das tardes na piscina ou se fazia de bobo: seu médico sempre tinha atitudes ambivalentes, gestos de extrema generosidade e posições mesquinhas, frequentemente imprevisíveis.

Bradford o ensinou a se fechar aos seis anos, quando se recuperava de um ataque cardíaco: muitas das coisas mais importantes de sua vida haviam transcorrido em uma cama de hospital, entre a dor, a anestesia e o medo. O método foi o mesmo que ele havia ensinado a Gaspar na noite anterior. O doutor Bradford, que o operara quando ele estava desenganoado, que o visitava todos os dias e que o adotaria sob o pretexto de lhe dar os cuidados necessários. Um sequestro elegante. Uma compra: havia pagado por ele. É um milagre, Bradford dissera a seus pais, um milagre que ainda esteja vivo, precisa de tratamentos e cuidados que, infelizmente, devido à sua situação financeira, vocês não podem lhe oferecer. Eles haviam aceitado.

Naquela noite, na cama do hospital, Juan não conseguia diminuir o volume das vozes, sentia mãos tocando todo seu corpo — por dentro e por fora —, via pessoas em volta da cama mesmo fechando os olhos. E Bradford o fez sentar, umedeceu seus cabelos com água fria e lhe disse mais ou menos a mesma coisa que ele havia dito a Gaspar. Use a voz entre a coluna e o estômago, diga para eles irem embora e eles irão. Lembrava-se claramente de que havia tentando várias vezes, guiado pelos olhos escuros e ávidos daquele homem, até o silêncio chegar e a sala de terapia

intensiva voltar a ser um quarto cheio de moribundos e feridos. Bradford ficara ao lado dele até ele conseguir dormir. De manhã, ao acordar, as vozes e as imagens voltaram, e Bradford continuava lá. Mais uma vez indicou-lhe o que fazer, e Juan conseguiu na primeira tentativa. Então Bradford lhe pediu que contasse o que via. E Juan enumerou: acordar e ver, junto com o café da manhã, um cadáver sentado à mesa ou na cama; as bocas que riam dele, a mão que cobria seu rosto e não o deixava respirar à noite, os pássaros e os insetos que o atacavam voando direto para sua cabeça quando ele saía para o quintal, as duas carinhas que olhavam para ele de debaixo de uma pedra que sua mãe usava para manter a porta do galpão dos fundos aberta. Havia contado essas coisas a seus pais, mas eles não pareciam entender. Bradford sim.

Seus pais tinham medo: tentavam tranquilizá-lo e queriam mudar de assunto. Seu irmão Luis era diferente. Ele também se assustava, mas tentava ajudar. Dizia para ele pensar em outras coisas. Ensinar-lhe a nadar.

Agora ele precisava ensinar seu filho, mas primeiro queria nadar sozinho, por um tempo, no rio. Dirigiu até o balneário da cidade, que era bonito e limpo e estava quase vazio, e colocou Gaspar sentado sobre a grama, debaixo de uma árvore, com o isopor a seu lado. Serviu-lhe soda em um copo plástico e lhe disse o papai vai nadar, mas, se alguém se aproximar de você, não se preocupe, ele vai saber. Não saia daqui porque eu te encontro e depois você já sabe o que acontece.

Ao entrar na água, cruzou com um casal que saía do rio. Ela era bonita, usava um maiô azul e o cumprimentou; o homem o olhou com certa agressividade e pegou a mulher pela cintura com força. Nenhum dos dois conseguiu deixar de examinar a cicatriz no peito sem disfarçar. Juan não ligava. Nadou por quinze minutos, o tempo exato para não ficar agitado demais. Era capaz de nadar por muito mais tempo, mas não queria estar cansado se tivesse que dirigir mais tarde. O rio ficava prateado sob o sol, mas a água estava um pouco turva. Boiou por algum tempo antes de sair: de seu filho, não sentia nada além de calma. Quando estava com água pelos joelhos, fez um sinal para Gaspar e gritou venha, você precisa aprender, tira a camiseta e os tênis. Deitou Gaspar na água e se agachou um pouco. Eu seguro você, disse, quando percebeu que o menino se contorcia com medo de afundar. Bata as pernas, disse, me molhe, faça barulho.

Havia algo naquela manhã quente e a pele escorregadia do menino em suas mãos fez com que ele sentisse Rosario a seu lado, e lembrou-se

dela morta de frio em um campo da Inglaterra, lembrou-se dela cantando uma canção que dizia *tonight will be fine*, dançando uma música de Bowie e reclamando que nunca tocavam música boa na rádio, e seu pescoço e seus seios, que eram grandes, mas ela nunca usava sutiã, nem mesmo depois do nascimento de Gaspar, e as manhãs em que ele a acordava, ela reclamando, me deixa dormir, mas depois de um tempo também o abraçava, e ele levantava suas pernas, as colocava sobre os ombros e a acariciava com a língua e os dedos até que ela ficasse molhada.

Não conseguia encontrá-la. Consequia ver aquela pobre mulher grávida do hotel, conseguia ver centenas de assassinados todos os dias e, no entanto, não conseguia esbarrar com ela. Havia lhe pedido uma vez, quando era viva, quase de brincadeira, imitando o personagem de um romance, não me deixe sozinho, *haunt me*, não havia palavras em castelhano para aquele verbo, *haunt*, não era enfeitiçar, não era aparecer, era *haunt*, mas ela nunca o tinha levado a sério. Se era ele quem deveria morrer primeiro, era o mais lógico, era ridículo que ainda estivesse vivo.

Às vezes pensava que Rosario estava se escondendo. Ou que alguma coisa não a deixava se aproximar. Ou que havia ido longe demais.

— E agora?

— Agora você coloca a cabeça embaixo d'água. Mas sem tapar o nariz.

— Vou me afogar.

— Não vai se afogar nada.

Treinararam prender a respiração fora da água. Gaspar enchia as bochechas de ar, e Juan começou a sentir a inconfundível dor de cabeça nas têmporas. Tempo demais debaixo do sol. Mas não iria embora até que o garoto aprendesse a prender a respiração.

De volta à sombra da árvore, serviu-se de soda e acrescentou algumas das pedras de gelo que boiavam no isopor. Engoliu dois comprimidos e fechou os olhos, apoiado sobre as raízes para que a dor cedesse um pouco. Sua cabeça latejava, mas pelo menos latejava regularmente, um pouco devagar.

— Não me afoguei — disse Gaspar de repente.

— Viu. Nadar é fácil, logo, logo você vai aprender.

— Você vai acordar?

— Não estou dormindo, estou descansando.

— Quer um sanduba?

— Não, daqui a pouco vamos comer. E hoje à noite vamos ver a Tali.

— Posso fazer um sanduba pra mim?

UM PAI E UM FILHO CRUZAM A ARGENTINA DE CARRO, DE BUENOS AIRES ATÉ AS CATARATAS DO IGUAÇU, NA FRONTEIRA COM O BRASIL.

São os anos da ditadura militar argentina, soldados armados estão no controle e o ambiente é de tensão. O pai tenta sozinho proteger Gaspar, seu filho, do destino que lhe é designado. A mãe do garoto morreu em circunstâncias obscuras, em um suposto acidente.

Como o pai, Gaspar recebeu o chamado para ser médium em uma sociedade secreta, a Ordem, que se relaciona com a Escuridão em busca da vida eterna por meio de rituais atrozos. Para tais rituais, é imprescindível a presença de um médium, mas o destino desses detentores de poderes especiais é cruel, já que o desgaste, físico e mental, é rápido e implacável. As origens da Ordem, comandada pela família da mãe de Gaspar, remontam a séculos, quando o conhecimento da Escuridão foi trazido da África para a Inglaterra e dali se estendeu à Argentina.

O terror sobrenatural se mistura com terrores bem reais neste romance perturbador e deslumbrante — casas cujos interiores sofrem mutações, passagens que escondem monstros inimagináveis, rituais com sacrifícios humanos que envolvem êxtase e dor, andanças na Londres psicodélica dos anos 1960, fetiche por pálpebras humanas, liturgias sexuais enigmáticas e a repressão da ditadura, os desaparecidos, a chegada incerta da democracia e os primeiros casos de aids em Buenos Aires.

Um romance que amedronta e envolve na mesma medida, de uma das escritoras mais proeminentes da América Latina atualmente.

SAIBA MAIS EM:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1071/>